



«PERDEU-SE UM MARIDO»



Peça: Farsa portuguesa de honesta concepção e realização, chega a ter um acto de comédia: o segundo; e, no terceiro, tem ligeiro excesso de quiproquós. O diálogo é sempre vivo e brilhante, polvilhado aqui e ali de algumas ironias e remoques críticos. É uma peça leve, exclusivamente digestiva; não seria menos louvável se o autor, habilíssimo neste género de divertimento dramático-literário, através todo o propósito cómico, desse ao seu teatro, nem que fosse subtilmente, uns lapsos de qualquer intuito poético, satírico, humano. Assim, fica muito a guisa de construção teatral, o mecanismo de fazer rir, embora toda a estrutura seja de boa classe no seu género.

O exploradíssimo filão cómico da amnésia serve de base à peça, mas o autor trata-o sob um aspecto original; e a sua habilidade de comediógrafo se deve o deixar sempre uma pontinha de suspeição no público cedendo-lhe quase até as últimas cenas, pouco a pouco, o desvendar da intriga. No primeiro acto, para dar duração, intromete uma «rábula», e no terceiro, uma nova personagem, também em rábula de equívocos, receoso de que o 2.º acto, não chegasse para as exigências do público afeito ao hilariante em suculência. Mas a comicidade do autor, manifesta-se em alguns diálogos de frases curtas, repetidas perguntas e respostas chistosas, de uma marca inconfundível; nenhuma graça pesada e, quando muito, ligeira malícia graciosa.

Um originalzinho português, melhor do que muita sarrabulhada mal traduzida, mal ágerida e enjoativa.

O autor: Manuel Frederico Pres-

sler, ainda há quatro meses estreando outra comediuzinha anável e rissonha A menina feia. Com um passado de idênticas obras, primeiramente para gozo artístico da sociedade elegante (que só vai ao teatro quando é caridade), depois tentando e vencendo o grande público com peças de mais consistência, é um valor que as nossas empresas têm de procurar quando queiram substituir a importação de frivolidades teatrais por trabalhos caseiros honestos e limpinhos. Estamos convencidos que é mesmo capaz de as fazer por encomenda. Ainda bem.

Desempenho: A peça assenta numa personagem. Ela, em boa hora, foi, por acaso da sorte, caber a Vasco Santana. E Vasco Santana quis ser Vasco Santana. E Vasco Santana mostrou como é um actor de grande classe, um cómico verdadeiro ao pé do qual fica em evidência, em flagrancia, a falsa comicidade, o nível inferior das reputações feitas à luz dos reclamos. Vasco Santana, representou com todos os seus elementos: a mimica, a expressão, a bonomia dos gordos que deixam de ser gordos em cena, as tonalidades certas da frase, a humanidade da figura, sem artificialismos. Felizmente não quis nem precisava recorrer ao grotesco, aos gritos e também, felizmente, quis estudar o saber o papel. Um grande actor cómico. A sua volta, tudo parecia paisagem habitual. Assis Pacheco

(Continua na página seguinte)

Continuação da pág. anterior)

fechamos os olhos a recordar as suas criações admiráveis no Teatro sério — mostrou o seu valor de dicção num diálogo cómico, mantido em ritmo perfeito. E' daqueles artistas que tem de inferiorizar-se constantemente para entrar... na paisagem.

Carlos Alves fez a rábula do doido, comedindo um pouco a mesma rábula do doido de tantas revistas, e em vez de descair para trás, descaiu para a frente. Costinha reapareceu com o seu metro e vinte de simpatia; Henrique Santana muito hesitante; Armando Cortês ainda muito preso do braço esquerdo; Holbeche Bastos e Walenstein, médicos de pouca permanência, felizmente.

Laura Alves, o mal dela é todo garganta; Acentua-se-lhe qualquer defeito vocal, que a faz dar gritinhos, e risadinhas falsamente alegres ou histéricas. Gestos e andar repetindo La sirena varada; e uma ou duas cenas mais naturais, mas que o trabalho de Vasco Santana eclipsou por completo.

Maria Helena, a dizer muito depressa a sua pequena parte, mal se fez compreender. Aida Baptista e Fernanda Borsatti reincidiram nos excessos da peça anterior em que faziam rábulas similares. Hortense Luz foi uma luz que iluminou por pouco tempo.

Encenação: De Armando Cortês. Um jovem que frequenta os cartazes há meia-duzia de anos... Parece que não é preciso mais, e o jovem artista que bem desejaria a sua volta e no seu convívio mestres de encenar, tem que ensinar os outros. Bem dizia Bernard Shaw: Quem sabe faz; quem não sabe... ensina.

Cenário: Pinto de Campos subcreve a parte pictural e decoração. São três locais distintos, toleráveis, mesmo o terceiro de uma residência com portas «exalando» cores diferentes através delas.

Algumas notas: Nos dias anteriores à primeira representação os reclamos já anunciavam: «O maior acontecimento teatral do ano!»

A entrada de Laura Alves houve palmas da fila R para o sul e da 3.ª ordem para o Zenith. A saída de Carlos Alves houve palmas. Vasco Santana não teve palmas nem a entrada nem a saída. Naturalmente por não ser Alves.

REPRESENTAÇÕES



Henrique Santana, Laura Alves, Maria Helena e Vasco Santana, na peça «Perdeu-se Um Marido», ontem estreada com êxito no Monumental

TEATRO MONUMENTAL — Com, se tinha perdido um marido, ali para os lados do Saldanha, muita gente, muitas senhoras, mesmo que não costumam ir ao teatro foram ao Monumental a ver se o achavam Havia, realmente, ontem nesta casa de espectáculos um público que nem sempre aparece, e estamos em creio que ele seria o público do autor. Manuel Frederico Pressler é o autor dramático que já tem dado boas provas e que mostra, mesmo numa peça ligeira como esta, aquela intuição teatral que ajuda a maioria dos êxitos.

«Perdeu-se Um Marido» é uma comédia engenhosamente fabricada, com um diálogo fácil que melhoraria com menos insistências sobre cada ideia, têm o seu quê de imprevisível, obrigou a rir uma sala bem recheada e parece-nos ter condições de agradar para uma boa carreira. Não se lhe vai pedir verossimilhança e lógica, nem ninguém se lembraria de o fazer, e a anedota, que deriva de uma «partidinha conjugal» para se experimentar um marido, proporciona tanto a este como a esposa uma hora de fantasia em que ambos tentam um momento diverso da «sopa de vacas» de todos os dias. A assistência gargalhou abundantemente e ela, ou alguém por ela, até aplaudiu intempestivamente passagens da comédia, com a espantosa falta de Vasco Santana ter sido esquecido, como primeira figura e hóspede da casa. Vasco foi, realmente, o ponto vital e gerador do êxito da comédia. Grande actor como

é, sempre opulento de pormenores, de dicção e desenho de gestos, nunca perdendo uma intenção mesmo quando perde a memória, compôs, contornou e deu relevo à sua personagem de uma forma admirável. Todo o segundo acto, quanto a nós o melhor da peça e o mais equilibrado, foi representado preciosamente. A cena com Assis Pacheco, outro actor de alta categoria, teria recebido uma ovacão se o público não estivesse sempre mais inclinado para rir de um dito do que para saborear um momento de interesse dialógico.

A primeira figura feminina do Monumental, por muito que a crítica lhe seja antipática, salvou-se das dificuldades do papel, mas representar com Vasco Santana é um caso muito sério. Hortense Luz, Maria Helena e «Costinha», em ligeiros papéis episódicos, e em breves apontamentos Aida Baptista, Fernanda Borsati, Carlos Wallenstein, Armando Cortés, Holbeche Bastos, Henrique Santana e Carlos Alves compuseram os segundos planos e os fundos do quadro anedótico forjado pelo autor.

Tres cenários de prospecto agradável e fresco — uma sala de hospital, um quarto de hotel e a moradia do herói — enquadram bem as três jornadas da peça. A sala estava luzida, como díssemos, bem povoada do elemento feminino e o ambiente de agrado manteve-se do principio ao fim. Os deuses da cena, sejam propícios a mais esta tentativa. — M. S.

Primeiras representações

MONUMENTAL — «Perdeu-se um marido» — Farsa em 3 actos, de Manuel Frederico Pressler.

Interpretada por Vasco Santana, Laura Alves, Assis Pacheco, Costinha, Carlos Alves, Hortense Luz, Maria Helena, Henrique Santana, Aida Baptista, Carlos Wallenstein, Fernanda Borsati, Armando Cortés, Holbeche Bastos, José Rodrigues.

Encenação de Armando Cortés.
Cenários de Pinto de Campos.
Empresa de Vasco Morgado.

A actriz Laura Alves, há umas semanas, atirou umas pedradas aos criticos teatraes da Metrópole e, depois, foi prudentemente refugiar-se atrás do autor português M. F. Pressler, que escreveu uma farsa engraçada, bem construída e divertida e daquele grande artista que é Vasco Santana. Este, não só superou Laura Alves mas, com a sua arte de intérprete até a eclipsou. Todavia Laura Alves não pode queixar-se, como intérprete; ela recebeu os aplausos da claqué, ao passo que Vasco Santana recebeu os do público; como esposa do empresário Laura Alves participa dos lucros que a bilheteira dará. Se assim não fosse seria caso para desesperar a valer das condições do teatro em Lisboa porque nos parece inadmissível que o grande público não vá ao Monumental, por sinal o unico teatro aberto em todo o País, para ver um espectáculo que talvez não satisfaça os teatrológicos e os intelectuais que vão ao teatro de borla, mas que tem todas as condições para agradar honestamente. Na estreia houve muitos e cordiais aplausos da parte de numeroso público autêntico além da habitual gritaria da claqué.

Pressler construiu uma peça que tem como base um equívoco, se não original pelo menos apresentado de forma nova, sobre o qual equilibrou uma série de diálogos e rábula de vário quilate que não destoam muito do conjunto. O público riu com as peripécias de Vasco Santana na personagem dum pacato marido que se encontra em situações escabrosas, e apreciou a parte mais inteligente e espirituosa do diálogo. Vasco Santana não deixou fugir nenhuma oportunidade para representar a primor muito bem secundado, em algumas cenas, por Assis Pacheco.

Carlos Alves foi aplaudido no final duma rábula e todos os outros numerosos intérpretes cumpriram segundo as suas possibilidades. Armando Cortés teve a pouco invejável tarefa de coordenar o trabalho de vários artistas de escolas e métodos diferentes e saiu-se bastante bem do cometimento.

A VOZ LUIGI GARIO

SECVLO

Espectáculos

MONUMENTAL — «Perdeu-se um marido» — Manuel Frederico Pressler, desingulmente dotado para o teatro, sobrevindo através de comédias espirituosas e bem observadas, deu-nos uma farsa, «Perdeu-se um marido» — a sua segunda peça, esta época, no Monumental. A farsa não é um genero menor e, muito pelo contrario, exige dos seus cultores capacidade que não está ao alcance de qualquer. Pois Manuel Frederico Pressler transpôs, com surpreendente ousadia, os limites em que se contém a comédia e apresentou-nos uma obra, reconhecível a muitos títulos, e que ontem alcançou um belo êxito de gargalhada. Com imaginação e frescura, o autor glisou, mais uma vez, um caso de amnesia, que se desenvolve e multiplica em lances de imprevisível. A história faz lembrar, de certo modo, um fogueiro de luzes, porque, de instante a instante, apresenta-se, sob novos aspectos, em mutações de autentica pirocemia teatral. Trata-se, em resumo, de um espectáculo de pura distração, que faz rir e rir a valer — como toda é boa farsa que se preza. A valorização, um dialogo espirituosissimo — o segundo acto, nessa capitulo, é notável — e alguns «gragos» de primeira ordem, como por exemplo o que fecha a sequência desenrolada no hospital. Assim, não é de estranhar o caloroso acolhimento do publico, a proclamar tudo o indico! — larga pennamancia da peça no cartaz.

Vasco Santana encheu o palco do Monumental com o seu talento. Uma criação modelar, nas attitudes, nos silerios, na mascara, nas inflexões. E' difficil representar melhor, com mais intelligencia, mais brilho e mais sobriedade. O grande actor de sempre leve ontem uma peça bem diferente daquelas em que ultimamente melbarou as suas portentosas qualidades. E um papel que serviu o actor na mesma medida em que o interprete serviu o texto. Assis Pacheco, outro comediante mag-nifico, impõe-se sem estorço. O dialogo com Vasco, no primeiro acto, foi um regalo para todos os que gostam de teatro. Laura Alves deu-nos mais uma figura de mulher, galante e brilhosa. Foi ella propria, em scena, Costinha — quando terá o papel que merece? — em breve apontamento, pás-lhe a marca de sua personalidade. Carlos Alves, Hortense Luz, Maria Helena, Henrique Santana, Aida Baptista, Carlos Wallenstein, Fernanda Borsati, Armando Cortés e J. M. Rodrigues contribuíram para o equilibrio do conjunto. Encenação correcta de Armando Cortés. Cenários de Pinto de Campos.

Manuel Frederico Pressler compartilha, muito justamente, nos finais dos actos, das palmas calorosas do publico — uma casa cheia, como nas grandes noites. — F. F.

TEATROS & CINEMAS

Primeiras representações.

TEATRO MONUMENTAL — «Perdeu-se um marido».

Destas colunas e outros lugares, incitámos os autores hesitantes e timoratos que nos seus primeiros voos demonstraram pelo menos intuito dramático e condições de comediógrafos, a perseverarem em seus trabalhos, orientando-os para um género em que em Portugal não há cultores: o da comédia ligeira, alegre, de tintas finas e espirito sempre fresco. Lembra-nos desse incitamento a Frederico Pressler, a Correia Leite, Fernando Santos e Almeida Amaral, Cristiano Lima, Francisco Mata, Manuel Fragoso... A tendência natural é o voo á estratosfera das grandes peças profundas, complicadas, dramáticas ou o acovardamento na lisonja ao baixo gosto, popularchão resvalando nas baixas comédias e farsas desbocadas de enjoo certo.

Frederico Pressler parece ter, com inteligência, resolvido deixar a miragem falaz de grave dramaturgo para tentar a sério ocupar o lugar vago de comediógrafo faceto, cintilante e despreocupado. Com «A menina feia» e «Perdeu-se um marido» enveredou para esse honestíssimo campo de literatura. Não porque não pudesse fazer obra mais consistente (lembramo-nos da «Encruzilhada»), mas porque, despedido das veleidades naturais, se deve sentir mais á vontade, mais dentro da sua mocidade e das necessidades mais prementes do publico que em toda a parte procura com afincio esquecer os problemas angustiosos da vida real. Os Roussin, os Savajon, Aumon e outros da actualidade francesa vêem-se traduzidos em todos os países, e até os prémios officiais espanhóis deste ano reservados ao teatro foram atribuídos a três peças de humor, de três novos.

Queremos apenas salientar que o género comédia, frivolidade ou divertimento não pouca um autor. Na perfeição seria conciliar o frívolo, o escherzo, com um fio de poesia dramática, pedra de toque da personalidade dramática do autor.

Exactamente o que falta — não para o publico, mas para a critica — em «Perdeu-se um marido», é qualquer fundamento ou luzinha que tirasse á obra o significado limitado de «farsa pela farsa». Considerada, porém, sob o seu propositado designio, ella é construída com toda a pericia architectural. Não pondero ao que dele se esperava. A sua

segue o modelo antiquado das farsas alemãs com um emaranhado permanente de personagens em perpétuo equívoco, mas com espirito moderno mantém uma intriga fundamental de início a final, enriquecida por pequenos equívocos successivos obtidos á custa de personagens auxiliares.

A amnésia — motivo exploradíssimo em dezenas de comédias e farsas — resultante de um choque, serve de pretexto, ligeiramente deformada como é tolerável em teatro alegre, onde o inverosmil tem apparencias de verosmil, para a história original que Pressler nos conta. Com dois finais de acto achados com felicidade, o que é sempre uma ajuda para as impressões do intervalo; com um dialogo vivo, salpicado de alguns comentários levemente satiricos; com acertada escolha dos tipos satélites (um doido num hospital sem ser de doidos, um preto biblioteiro, um gerente de hotel prolixo e confiante, uma freguesa furiosa que vai á casa particular do dono da loja reclamar sobre a compra de uma mala de mão, com equilibrio de cenas e da sua duração, «Perdeu-se um marido» é um bom exemplar do teatro recreativo, agradável e alegre, com a vantagem de se lhe poder appor orgulhosamente o rótulo «produto nacional».

Afigura-se-nos que o autor não a premeditou para este ou aquele estrodo dos palcos, e que felizmente devia existir no «stock» de peças feitas ou gizadas para uma oportunidade; essa oportunidade viria quando qualquer empresário sem programa estabelecido nem fundo de originaes ou traduções andasse a bater a todas as portas em busca de uma comédia ou farsa para pôr em cena em 3 ou 15 dias. A oportunidade deu-se com a integração do pequeno agrupamento Vasco Santana, vagabundeando pela provincia após o desfalecimento da sua actuação no Variedades, na organização Vasco Morgado.

Vasco Santana teve, por iso, de fazer a peça de Pressler, com o que todos ganhámos. Como as comédias á base Laura Alves haviam já caído na indifferença do publico e nenhuma garantia de êxito financeiro as recomendava, Vasco Santana seria o ponto de apoio da nova organização. Parasitariamente, em volta da sua personalidade os outros poderiam manter-se e... o publico, com uma peça toda ás costas do talento histriónico de Vasco (o Santana, é claro) desfaría o seu alheamento.

Vasco Santana não deixou de corresponder ao que dele se esperava. A sua

representação foi uma lição de comicidade em todos os capitulos. Quer pela exteriorização muda das suas reflexões intimas, quer pelas entonações seguras, naturais, e até pela bonomia da figura e os seus gestos peculiares, Vasco Santana criou um admirável tipo. Noutra situação do teatro português, que não a sua baixa existência, diríamos que a sua representação se limitava a ser natural, humana, como todos deveriam representar. Mas, em geral na panoramica habitual dos nossos espectáculos dramáticos — salvo honrosas excepções occasionais — a representação é uma lástima de artificialismo, de pessoalismo. A falta de ensaiadores conscientes e sabedores, a indisciplina e vaidade dos artistas que não querem submeter-se aos mais rudimentares conselhos (a maior parte nem sabe silabar devidamente), a mísera terceira classe nos estudos das estrelas e estrelas que misturam simpatia por talento e aclaque por publico, a falta de sequencia e permanencia (o «epicadeiro» teatral) no palco, tem concorrido para que seja gavis raro, um actor representando naturalmente, humanamente, como Vasco Santana.

Quase sempre o espectáculo dos actores e actrizes é uma confrangedora exhibição de maus amadores».

Saudemos Assis Pacheco, um actor. E saudemo-lo para dulcificar a sua alma, a quem ele conscientemente submete a permanentes torturas morais. Uma amostra do que vale no dialogo hilariante, certo, perfeito, com Vasco Santana do 2.º acto.

E dispensem-nos de indicar pormenorizadamente, porque não vale a pena, como se portou o conjunto de artistas que representaram «Perdeu-se um marido». Todos muito bem, muito engraçados, na opinião da nossa prima Eligénia, que vem sempre, quinze dias no Verão, a Lisboa, e assistiu á primeira.

Encenação de Armando Cortés, conforme pôde, soube e lhe deixaram fazer. Cenários de Pinto de Campos, um artista capaz do que fez e muito mais, com renome pelo que já tem feito.

Na distribuição: Laura Alves, Costinha, Carlos Alves, Hortense Luz, Maria Helena, Henrique Santana, Aida Baptista, Carlos Walenstein, Fernanda Barsathi, Holbeche Bastos e Armando Cortés.

Muitas palmas, embora ressentindo-se da encenação: Vasco Santana não foi festejado á entrada em cena, quando o foi Laura Alves e Carlos Alves, numa rábula revista.

E' preciso mais atenção para a próxima vez.

A. F.

Journal do Comércio



1° ato
"o Doido"

2° ato



3° ato



Os intérpretes principais da peça «Perdeu-se um marido», que são, da esquerda para a direita: Assis, Hortense Luz, Vasco, Laura Alves e Costinha (Apontamento de Neves)

Teatro português

Estreou-se ontem no Monumental

a farsa «Perdeu-se um marido», de Manuel Frederico Pressler

Frederico Pressler, cuja obra de dramaturgo o tem imposto como um dos bons escritores dramáticos, revelou, mais uma vez, as suas muitas possibilidades na farsa da sua autoria «Perdeu-se um marido». O homem de teatro lá estava, na facilidade do diálogo, nas situações habilmente preparadas, na exposição dos conflitos. Evi-

dentemente que a farsa nem sempre pode sugerir um pensamento lógico, não obstante caber dentro dela uma filosofia sorridente, mas, quanto a nós, nunca exagerada.

Nesta última hipótese deixa de ser farsa e passa a ser uma farsada... Não é este o caso da última obra de Pressler. Um pouco de sátira não fica mal a peças deste género, e o autor soube dar uma ou outra nota de comentário satírico no decorrer do diálogo. Bernard Shaw provou tantas vezes que a farsa pode inspirar grandes dramas. O génio irlandês demonstrou que a tragédia humana oculta-se, quase sempre, sob risíveis aspectos. A farsa, portanto, não é, como tanta gente supõe, um género ligeiro de literatura dramática. Quanto à sua realidade ocorre-nos dizer que a vida também, às vezes, nos dá vontade de sorrir, tantos motivos burlescos nos oferece.

Lembramo-nos de ter visto, há alguns anos, representada no Teatro Nacional, uma peça de Pressler intitulada «Labirinto». Era uma obra séria de profundidade, de pensamento, de evidente sentido teatral. Essa peça impunha o seu autor como um admirável homem de teatro. Frederico Pressler, porém, tem ultimamente desviado a sua actividade de dramaturgo dedicando-se a escrever teatro considerado mais ligeiro, mais superficial. E foi pena.

Isto não quer dizer que o escritor de teatro perdesse as virtudes já evidenciadas nas suas primeiras peças. Os temas que recentemente o têm tentado é que podem parecer mais fáceis...

Não ignoramos que a vida decorrente não está para coisas sérias...

Referimo-nos ao género e não ao autor cujo talento é exuberantemente demonstrado na feitura das suas obras.

O assunto não será absolutamente inédito. É conhecida a anedota daquele homem que, para fugir à vulgaridade do dia-a-dia e da monotonia do lar, procura uma aventura num baile de máscaras. Mas a aventura, ou conquista, se acham melhor, deu-se com a própria esposa.

Sucintamente o motivo inspirador é este: Uma personagem sofre um largo período de amnésia e durante este tempo tem uma pecaminosa aventura com a própria mulher. O assunto presta-se a situações hilariantes que terminam, como é «lógico» em teatro, por esclarecer-se.

Vasco Santana, desenhou com espírito e graça naturais, o recorte psicológico da figura que incarnou: Assis Pacheco, mediante de múltiplos recursos foi admirável de naturalidade; Laura Alves, teve alguma passagens em que demonstrou os seus méritos de boa actriz; Carlos Alves, muito bem, dando expressão à figura do «doído». Intervieram, também, na representação em papéis de menos responsabilidade, Costinha, Hortense Luz, Maria Helena, Henrique Santana, Aida Baptista, Carlos Walenstein, Fernanda Borsatti, Holbeche Bastos e José Maria Rodrigues.

Três cenários agradáveis de Pinto de Campos.

O público, riu o saiu bem disposto e tanto gargalhar. A claqué exagerou a missão de palmear; o que, aliás, não era preciso. — A. R.

O crítico
seccador de
te que prop
pinhão aqu
torventura
nenos qual
Foi isto
mos ouvim
et. Poderi
liar este
ilias tão s
como par
com algum
ções de en
as—para n
mos dos do
filosofia
definições
te, Pascal
ou Halzfel
ores que t
i mão. Po
ocioínio e
funcionar,
espectáculo
separar o
joio, o bon
mau gosto,
te do gr
próprio do
— pois fe
que disse o
tos deve
se acrece
espécie de
função
possível c
ão deve
pressupor
o ensino,
denar artis
lica faz-se,
público, ac
ver às vez
presentada
tavos, para
peccador
este que p
tamos o le
confiança
Que vo
Começa
o crítico
meio; sab
treclas não
admirável,
eimentos t
e os livres
fre de tod
dau a tra
dores —
conhecendo
que o tea
consequê
lado, out
de quadros
estraciono
mosamente
sua tabua
não ajud
vidos da
se eva
que de p
que é e o
tos e o m
é o teatro
de o sab
não lie
informada
surge um
máxima
gindo a
aponta-s
convenci
interpret
tações
— um
nem de
Já le
aleuma
XIX, c
de Ran
Que
terpret
das tre
«Farp
E' a
— e l
tar na
á jan
admira
me es

O crítico é um espectador de qualidade que propõe a sua opinião àqueles que, porventura a tenham menos qualificada.

Foi isto o que há anos ouvimos a Jouve. Poderíamos ampliar este conceito, aliás tão simple como particularista, com algumas definições de enciclopedistas — para não entrarmos dos domínios da «filosofia» ou das definições de Voltaire, Pascal, Villemain ou Hatzfeld — os autores que temos aqui à mão. Postos o raciocínio e a razão a funcionar, perante espectáculo, há que separar o trigo do joio, o bom gosto do mau gosto, o elegante do grosseiro, próprio do impróprio — pois foi Voltaire que disse que os gostos devem discutir-se acrescentando Pascal que o crítico é uma espécie de hora legal do espectador, com função de lhe dar a hora tanto quanto possível certa. O artista — o criticado — não deve ignorar, porém, que é um erro pressupor na crítica a função de mestre que o ensine. Não, a crítica não se faz para condenar artistas nem para os castigar — a crítica faz-se, sim, para orientar o publico. E o publico, aqui, tanto é o que paga 40\$00 para ver às vezes uma peça má, péssimamente representada — como o que paga oitenta centavos, para ler no jornal a opinião de um espectador treinado. Pela nossa parte, é a este que procuramos sempre ser fiel. Respeitamos o leitor e fazemos por merecer a sua confiança, dizendo-lhe a verdade.



Assis, Vasco e duas incarnações de Laura Alves
(Desenho de Fernando Bento)

Que verdade, porém? Começa aqui o grande embaraço. Porque o crítico é humano. Vê a mesquinhez do meio; sabe que grande parte dos astros e estrelas não podem ir além do seu instinto admirável, por lhes faltar uma base de conhecimentos teóricos que só os bancos da escola e os livros autenticam; sabe que o teatro sofre de todas as contingências, porque se perdeu a tradição dos empresários cultos, sabedores — viajados, falando vários idiomas e conhecendo os bastidores internacionais; sabe que o teatro é uma aventura, um tiro, uma consequência do que uns assopram de um lado, outros do outro; sabe que a renovação de quadros não se fez a tempo de remeter ao ostracismo todos os «attés» e cabotinos, teimosamente agarrados às tábuas do palco — suas tábuas de salvação; sabe que as leis não ajudam, que os capitais, tantas vezes desviados da sua verdadeira e equitativa função, se esvaem perante a absorção de algibeiras que de pobres andam esburacadas; sabe, o que é e o que tem sido o sacrificio de muitos e o proveito de alguns; sabe enfim, o que é o teatro por dentro e por fora. E, apesar de o saber — ama-o; e apesar de o amar, não lhe compete atiraçoar a sua função de informador. Por isso, no espírito do crítico surge um dilema que termina, em regra, na máxima latina: «in medio stat virtus». Fugindo á funda análise, á larga discussão, aponta-se um ou outro deslize, um ou outro convencionalismo, um ou outro traço feliz da interpretação. E' que o teatro e as interpretações atingiram — salvo honrosas excepções — um tão baixo nível, que não é prudente nem decente tratá-lo de outro modo.

Já leram os artistas das modernas gerações algumas páginas literárias de fins do século XIX, começos do século XX — por exemplo, de Ramalho? Que grandes deviam ser o teatro e os intérpretes de então, para poder florir, depois das tremendas bordoadas do ilustre crítico das «Farpas»!

E' que um artista, verdadeiramente artista — e honesto e educado — não se põe a gritar na rádio, nos jornais, na praça publica, á janela ou nos palcos: olhem para mim, admirem o meu talento! Abaixo os que não me escutam!

Não, esse verdadeiro artista estuda, procura o conselho dos mestres — e os mestres são sempre mais velhos, embora suceda às vezes com eles o mesmo que na parábola do filho que, trepando aos ombros do pai, depois se vangloriava de ver mais do que ele... — na certeza, enfim, de que chegará a vez da crítica o apontar ao bom gosto do publico. Não é verdade, porém, que frequentes vezes se dá com o artista um descontrolo que o faz cair nos erros do sapateiro perante o quadro de Appelles?

E' certo que Appelles, era um grande pintor. Por o ser, aceitava todas as críticas, pois, consigo próprio era severo. A moral artistica levou-o, porém, a dizer ao sapateiro: não passes do calçado!

Os artistas que se esquecem do que devem á benevolência da critica poderiam compreender que a benevolência persiste não por falta de tempo, ignorancia — mas camaradagem. Para não deitar abaixo tanta coisa que está a desmoronar-se. Como o não compreendem certos desses artista? E, se nos fosse possível estabelecer paralelos com o que se faz lá fora, perguntar-se-ia: onde, quando, quais os jornais diários, noticiarias cem por cento, se ocuparam de teatro com profundidade, e largueza, montando cátedra para os autores e ensaiadores ignorantes? Não compete — se é que compete... — essa função á especialidade?

Acreditamos todos que o cabotismo, a gritaria na praça, os processos artisticamente desonestos de vir dizer coisas «fortes» para o publico não resolvem problemas de bilheteira nem disfarçam angustias de empresários, perante os erros cometidos para trás. Não, esses reclames servem para muita coisa — mas menos para resolver o problema da crise de teatro. Esta resolve-se, sim, com boas peças e bons desempenhos.

O espectáculo de ontem no Monumental, que o diga.

Representava-se pela primeira vez, «Perdeu-se um marido», comédia-farsa do festejado Frederico Pressler, um dilettante, um «poseur» das letras com talento para mais — isto é, para profissional... E, além da vedeta que era a peça, havia ainda outra, que era Vasco Santana. Que enormissimo papel ele compôs — e como, representando, com o seu talento espontaneo, esfusiante, fresco, marcou bem e desnivel da interpretação restante... Só Assis Pacheco — depois da primeira parte do seu diálogo que foi demasiadamente enfático — lhe deu réplica á verdadeira altura. Como é que a claqué, tão bem ensaiado para aplaudir com despropósito, não chamou Vasco Santana e Assis, no fim daquela série de qui-pro-quos, tão admiravelmente falados e mimados por ambos?

Perdeu-se um marido», no teatro Monumental.

Dos restantes intérpretes dir-se-á que, desde os femininos — Laura Alves, Maria Helena, Hortense Luz, Aida Baptista e Fernanda Borsatti — aos elementos masculinos, Costinha, Carlos Alves, Henrique Santana, Carlos Wallenstein e Armando Cortês, todos corresponderam ao mérito que lhes é atribuído. A encenação é de Armando Cortês — um novo que o publico e a critica têm aceitado, com aplauso, estimulando-o como agora, pois, deu muito boas provas como encenador. Os dois primeiros cenários muito felizes: o terceiro — como os outros, de Pinto de Campos — pareceu-nos um pouco em desacordo com a psicologia das figuras. Uma sala cheia, aplausos quentes — um vaticínio, enfim, de que o Monumental tem peça para bastante tempo. Não nos detemos na análise desta, porque as peças como os novos felizes não têm história. Esta, tendo-a, vive, porém, sobretudo, do diálogo que é do bom humor. E' este, aliás, que substitui, na máquina da gargalhada, o ausente imbróglio emaranhado, considerado elemento indispensável da farsa clássica, —

M. A.

Com a casa cheia, estreou-se no «Monumental» a nova comédia-farsa de Manuel Frederico Pressier, «Perdeu-se um marido», aguardada com natural expectativa, dadas as provas recentemente dadas pelo autor na comédia «A menina feia», que constituiu um dos maiores êxitos dos últimos tempos, no género ligeiro, o que mais se adapta ao elenco da elegante e luxuosa sala do Saldanha.

A nova peça é, pode dizer-se, um modelo de farsa.

Bem architectada, escrita e desenvolvida com acentuado sentido teatral, recheada de situações hilariantes e de ditos e diálogos espirituosos, mantém a assistência em permanente boa disposição e crescente interesse, fazendo rir de princípio ao fim — objectivo fundamental de toda a farsa que se preza.

Diferente, sob certos aspectos, de «A menina feia», confirma os créditos por este adquiridos como escritor teatral.

Acrescenta-se que o desempenho valorizou — e muito — o inegável e invulgar valor da farsa, dando às suas naturais inverosimilhanças o aspecto de realidades aceitáveis neste género de teatro.

No desempenho, o triunfador da noite foi, inegavelmente, Vasco Santana, em boa hora integrado na companhia.

Sem exageros inúteis, daqueles exageros que fazem rir alvarmente certas platéias, soube ser cómico até ao último extremo sem sair dos limites da mais impecável sobriedade. O seu diálogo do segundo acto, na cena do hotel, com Assis Pacheco, pode ser apontado como modelar, só possível com dois grandes actores como os que o viveram diante dos espectadores, surpreendidos e encantados. Conforta ver representar assim, mantendo a comicidade da farsa acima da vulgar «palhaçada», de que, infelizmente, tanto se tem abusado.

De Assis Pacheco, grande figura do palco, capaz de interpretar com igual naturalidade os mais diversos géneros, e que, lamentavelmente, se tem visto forçado, por vezes, a salvar papéis inferiores ao seu real talento histriónico, apenas me atrevo a dizer que o seu «gerente» do hotel ficará como uma das suas melhores criações cómicas e um dos dois sólidos estelões em que se firma o êxito da nova farsa.

Os restantes papéis masculinos não davam «pano para mangas» aos seus intérpretes. Costinha, natural como sempre, defendeu a insignificante figura de «Eduardo», tirando dela tudo quanto era possível tirar. Carlos Alves foi um «doido» exuberante, apreendendo facilmente a intenção do autor e dando-lhe a conveniente interpretação. Henrique Santana continua a estudar e a progredir, debaixo da modelar orientação de seu pai, e chefiou com natural sobriedade o grupo hospitalar, formado por Carlos Walenstein, José Maria Rodrigues e Holbeche Bastos, a que é de justiça acrescentar a já esperada naturalidade da «médica», Maria Helena.

de mesquinha «vingança» pela sua inqualificável atitude para com a chamada «crítica teatral», nem por menosprezo pelas suas reais qualidades de actriz, mas porque o seu «caso» merece mais algumas palavras do que as referentes à interpretação do papel da estranha «Isabel».

Quanto a esta, sinto-me inteiramente à vontade para dizer que ela não contribui nem para aumentar, nem para diminuir, os créditos justamente adquiridos pela popular actriz. É mais um papel, com a vantagem, nem com todos verificada, de estar, situado, mais ou menos, dentro do seu *feitio* artístico.

Mereceu, com justiça, aplausos e chamadas, além das da imitante e impetiva «claque».

A margem desta representação, Laura Alves investiu, há pouco, com os «críticos de teatro», dos quais disse o que Mafoma não chegou a dizer do toucinho, acusando-os de falta de critério nas apreciações dos espectáculos teatrais e até de falta de... *cultural*!

Ignoro as razões que levaram a popular artista a ir buscar ao guarda-roupa o traço, a cheitar a naftalina, da «Maria da Fonte», para se atirar, de bacamarte em punho, aos pobres «críticos», que tão pouco a têm criticado e que, se de alguma coisa podem ser acusados, é justamente duma invulgar benevolência para com a irascível actriz.

Como vem ela, agora, queixar-se de «crítica», se a «crítica» tem ido buscar os «slogans» com que, tanta vez, faz a sua abundante publicidade?!

Laura Alves tem sido, sem sombra de dúvida, não a «menina feia» mas a «menina bonita» dos «críticos», graças aos quais ela se considerou com direito ao primeiro lugar da cena portuguesa. Dei, julgar-se fedada para os mais altos destinos e abalançar-se a interpretar todos os géneros de teatro, desde a revista e a opereta ao drama, à alta comédia, a tragédia e... ao «bailado em pontas»!...

Ela mesma o reconheceu ao interpretar, com visível aprazimento, num quadro de revista, a sua própria figura, no desempenho desse verdadeiro «cocktail» teatral.

Na sua desleigante diatribe, a illustre actriz classificou os «críticos» (que nome antipático!) em duas categorias: — os «velinhos» e os «novatos». De boa vontade enfileiro no primeiro grupo, dadas as minhas cinquenta e quinze risonhas primaveras, segundo a original contagem do meu condiscípulo, camarade e amigo, Ramada-Curto.

Hortense Luz, num papel episódico, encarnou bem a sogra de Vasco; e Aida Baptista e Fernanda Borsatti, em pequenos papéis, contribuíram para o êxito da representação, que o público sublinhou com aplausos entusiásticos e numerosas chamadas a todos os intérpretes e ao autor.

Propositadamente, deixei para o fim o nome que encima o cartaz: — Laura Alves. Não procedi assim por espírito

«PERDEU-SE UM MARIDO»

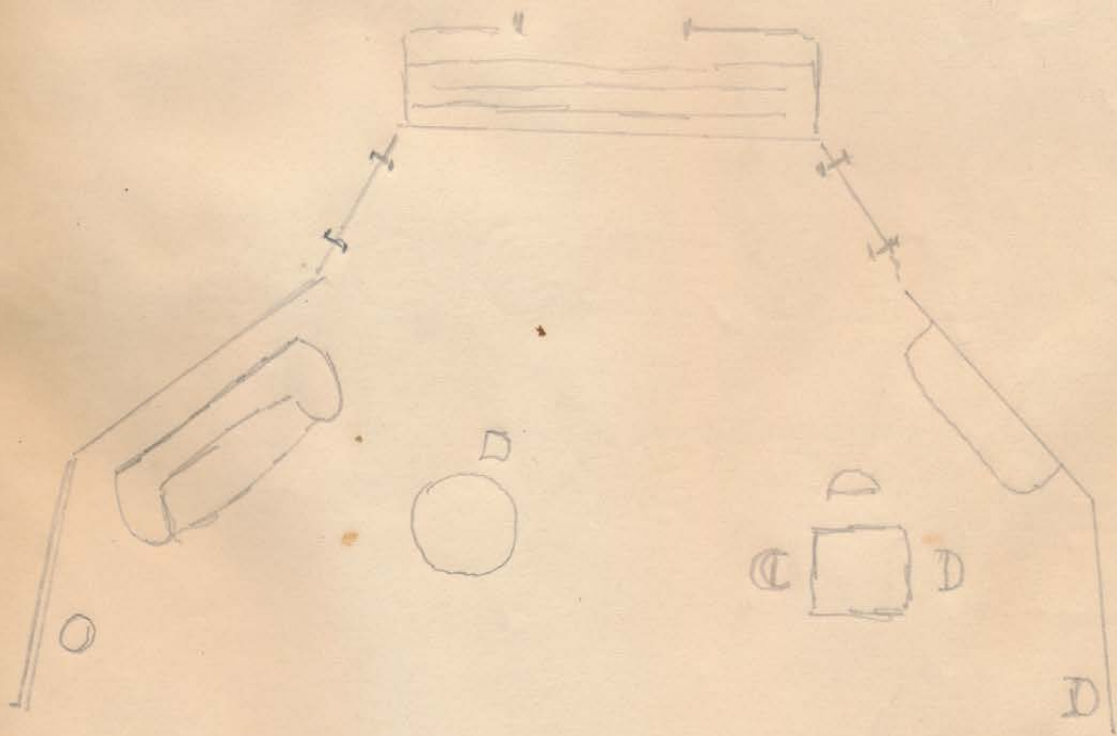
Com esta idade, e com alguma cultura geral, tenho visto muito teatro e aplaudido alguns dos maiores nomes da cena portuguesa. Sem a estulta pretensão de estabelecer confrontos, vêm-me à memória a grande Angela Pinto, que com igual arte interpretava um papel de grande dama ou o de uma vulgar colareja, e o nome de Amélia Rei Colaço, que ainda há dias aplaudi, com entusiasmo, em dois papéis de feição diametralmente oposta.

Mas uma artista, para ser grande, não precisa de dispersar o seu talento; basta-lhe seguir, fielmente, a sua vocação, evitando saltitar de «género» para «género», como a querer mostrar as suas habilidades; ora, as «habilidades» exibem-se em teatrinhos de bairro e não em palcos de categoria.

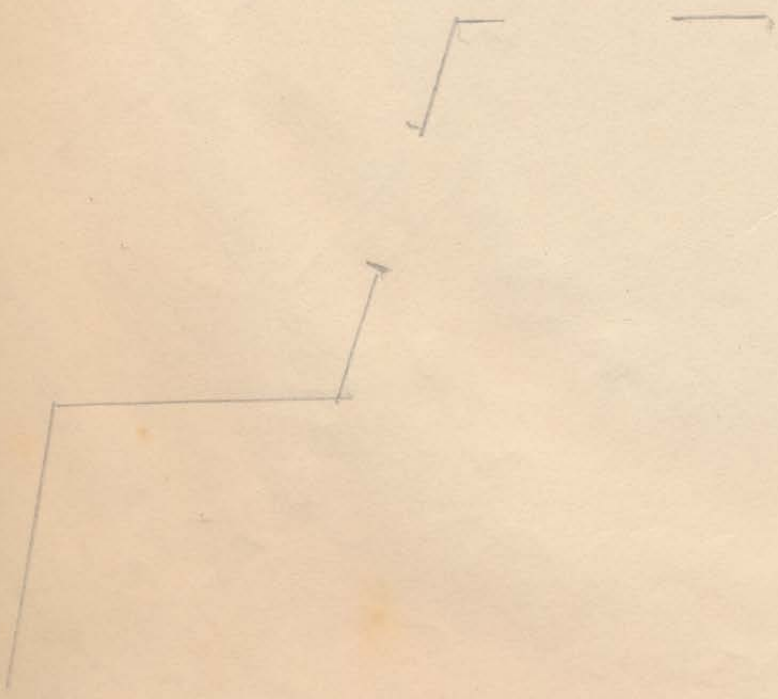
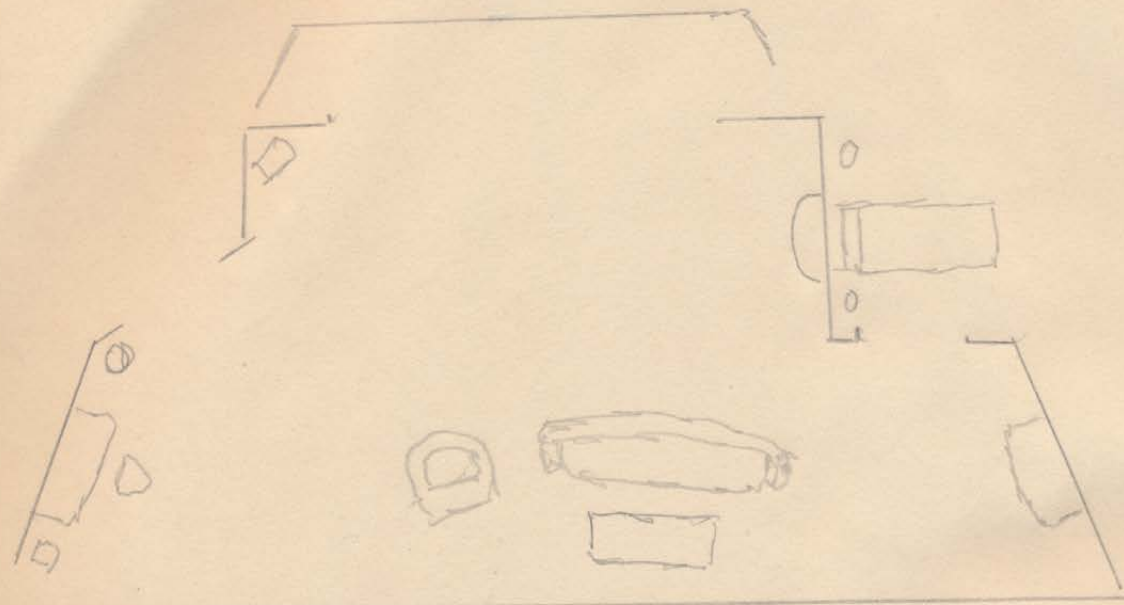
Quem esquecer esta verdade fundamental sujeita-se a críticas, nem sempre agradáveis...

NOVIDADES JOAO VALERIO

1^o act



2rach



✓ ISABEL
✓ ALBERTINA
✓ VÍDUA
✓ SENHORA EXALTADA
✓ EMÍLIA
✓ ENFERMEIRA

monumental
Lama Alas -
Hortensia
M^{te} Helena
Aida Maluco
Fernando Novato

Verso
M^{te} Domingos
M^{te} António
M^{te} João
M^{te} Sebastião
Luís Gomes
Maria de Castro

LUÍS
GENÉRICO
EDUARDO
CHIEFE DE SERVIÇO
O DOIDO

PERDEU-SE UM MARIDO

Comédia em 3 actos

Verso
Costinha
Henrique Santana
Lama Alas
Carlos Maluco
Hilbert
Aureliano Cortez
José Rodrigues

Verso
Costinha
Henrique
M^{te} António
M^{te} João
M^{te} Sebastião
Luís Gomes
Maria de Castro



DR. VAINIA
✓ EXPERIMENTAL
SENHORA ASSOCIADA
FRANCA (SANTA)

ORIGINAL DE:

Manuel Frederico Pressler

Acção - Actualidade

LISBOA 1954

PERSONAGENS

- 2.3^o ✓ ISABEL
- ALBERTINA
- 1.º ✓ MÉDICA
- 3.º ✓ SENHORA EXALTADA
- 3.º ✓ EMÍLIA
- 1.º ✓ ENFERMEIRA

- monumental
- Laura Alves -
 - Hortense Lus
 - M.ª Helena
 - Aida Batista
 - Fernanda Borsatti

- Vasco
- M.ª Domingas
 - Hortense Lus
 - M.ª Helena
 - M.ª Schultze
 - Luisa Durão
 - Maria do Carmo

- LUÍS
- GERENTE
- EDUARDO
- CHEFE DE SERVIÇO
- O DOIDO
- ~~MÉDICO~~
- Dr. VARELA
- 1.º ✓ ENFERMEIRO
- ~~MÉDICO ASSISTENTE~~
- ~~GRÃO (PRETO)~~

- Vasco
- Assis Pacheco
 - Costinha
 - Henrique Santana
 - Carlos Alves
 - Carlos Waldenstein
 - Holbeche
 - Armando Cortez
 - Jose Rodrigues

- Vasco
- Costinha
 - H. Santos
 - H. Santana
 - Rui de Carvalho
 - Holbeche
 - H. Santos
 - M.ª CARMO

2 CRIADOS DO HOSPITAL (~~MUDOS~~) Figuração H.

2 CRIADAS DE HOTEL (~~MUDAS~~) Figuração M.

Acção - Actualidade

... é muito estranho. Dias, horas, em que acontecem coisas estranhas
 ao mesmo tempo. Porquê? Porque? E porque se sabe que não há
 destino das coisas. A força sobrenatural que determina os destinos...
 Lá vem tu com os sobrenaturais. É assim, porque... é assim.
 Não tem nenhuma explicação.

1º Acto

(Sala de médicos no Banco de um hospital. Sofá à E.B. Mesa à D.B. Cadeiras. Paredes e portas pintadas de branco. Portas: Ao fundo centro, E.B. e D.A.. Por cima da porta do fundo, um alto-falante metido na parede. Quando o pano sobe, Chefe de Equipe, sentado no sofá, lê um jornal da tarde. Médico e Médica, sentados à mesa da D., jogam cartas (cra-paud). Todos de batas brancas.)

CENA I

ENFERMEIRO

~~CHEFE~~, MÉDICO, MÉDICA

ENFERM

~~CHEFE~~

Quem se 7 horas.

(Boceja, deixa cair o jornal no colo e espreguiça-se. Vê as horas)

Os hrs. Drs. tem tudo hoje
Sete horas... Uma bela tarde de calma e de socêgo. (sai) F. p. D.

MÉDICO

Ainda bem. Não gosto que me interrompam quando estou a jogar.

MÉDICA

(Depois de um momento de reflexão) É estranho. Não é ?

MÉDICO

O que ^é ~~é~~ que é estranho ?

MÉDICA

Haver dias em que não temos nada que fazer, como hoje, e outros em que não há mãos a medir, como a semana passada.

MÉDICO

É a lei das compensações.

MÉDICA

Mas é muito estranho. Dias, horas, em que acontecem imensos desastres ao mesmo tempo. Porquê ? Gostava de conhecer as leis que regem os destinos dos homens. A fôrça sobrenatural que determina os factos...

MÉDICO

Lá vens tu com os sobrenaturais. É assim, porque... é assim.

MÉDICA

Tudo tem uma explicação.

F. da F. doce a l. e.

passa com cuvette e ferros

(sai) F. p. D.

MÉDICO

E o que não tem, está explicado por sua própria natureza.

MÉDICA

Não. Há uma fôrça desconhecida cuja influencia é nefasta para certas pessoas. É a essa fôrça que me refiro quando falo nesses dias em que os desastres se encadeiam uns nos outros, atingindo uma quantidade de gente.

MÉDICO

Nas repartições de finanças também há dias em que não está ninguém e outros em que as bichas não têm fim.

MÉDICA

(Admirada) Nas repartições?... Mas a que proposito vens tu com isso

MÉDICO

É que os homens procuram juntar-se, nas horas trágicas da vida. O que é um hospital senão uma repartição do Estado? O paciente vem aqui pagar um imposto de sangue, como vai ás tesourarias públicas pagar o Imposto Complementar.

MÉDICA

Que estupidez.

MÉDICO

Estava a arranjar uma explicação para os teus sobrenaturais.

MÉDICA

E isso explica alguma coisa? Como se fossem os indivíduos a escolher as suas horas de dôr ou de alegria. Não. Os homens nada têm a vêr com isso. Não são eles que se juntam. É sempre o destino. Supõe duas pessoas que nunca se encontraram. Tomam o mesmo comboio. Sentam-se no mesmo banco, lado a lado. Há um desastre. As duas morrem. Seguiram sempre caminhos diferentes na vida. Ei-las unidas no mesmo destino-a morte. Outro exemplo: Um desgraçado cai e parte uma perna. Ao mesmo tempo, noutro ponto da cidade, dois automoveis chocam. Noutro bairro um electrico descarrila...

CHEFE

(Que se levantou, rindo) Basta. Basta. (Ouve-se a sireia de uma ambulancia que se aproxima)

MÉDICO

Pronto. Af os tens. Tanto chamáste por eles...

MÉDICA

Deixa-me acabar: Dêsses desastres resultaram feridos.

MÉDICO

É natural.

MÉDICA

Trazem-nos para aqui. Aqui se encontram...

MÉDICO

Tiveram mais sorte que os do comboio. A-pesar-de dizerem mal dos hospitais, sempre é melhor vir para cá do que para a morgue.

ALTO-FALANTE

Atenção. Médicos de serviço. Sala de operações. Urgencia. (Médico levanta-se e sai pelo fundo)

CHEFE

(Que está em pé junto da mesa a olhar para as cartas) O seis para o sete. (Médica executa) A dama para o rei... (Médica executa) Bem. Vamos a isto. (Médica levanta-se e junta as cartas. Entra Enfermeiro pelo fundo. Desce e vem buscar os oculos que o Médico deixou em cima da mesa.)

CENA II

CHEFE, MÉDICA E ENFERMEIRO

ENFERMEIRO

Senhor doutor.

CHEFE

O que é ?

ENFERMEIRO

Um atropelamento. Uma mulher ainda nova, bonita, bem vestida...

Encha F. da D. atual 1. e.

Qui p. lópo em D. a 2

CHEFE

Grave ?

ENFERMEIRO

Vai ser observada pelo Dr. Dias. Está sem sentidos.

CHEFE

Como é que veio numa ambulancia ?

ENFERMEIRO

Tinha ido levar um operado a casa e passou minutos depois no local do desastre.

CHEFE

Vamos lá vêr isso. (Saem pelo fundo Médica, Chefe e Enfermeiro)

p. a E.

CENA III

LUIS, creados um momento, e MÉDICA

(Luis entra pelo fundo acompanhado por dois creados do hospital que o amparam, por debaixo dos braços. Vem com o fato cheio de pó e o chapéu amachucado e posto ao acaso.)

LUIS

(Tentando desembaraçar-se dos Creados) Oh, camaradas. Há um equívoco. Eu estou bem. Não me aconteceu nada. Oçam lá... (Criados saíram. Luis fica só. Endireita o chapéu, que já tirou da cabeça e coloca em cima da mesa. Olha para o fato e sacode o pó com as mãos. Entra Médica pelo fundo.) Oh, minha senhora. Estes homens trouxeram-me para aqui por engano. Por mais que lhes dissesse que não era eu a pessoa doente...

MÉDICA

Sente-se, sente-se, não esteja em pé.

LUIS

(Admirado) Porque é que não hei-de estar de pé?... Olhe, Olhe.

MÉDICA

Sente-se. É melhor. (Obriga-o a sentar-se)

LUIS

LUIS

(Senta-se) Mas...minha senhora, eu estou bem. Gostava que me explicasse...

MÉDICA

Não fale. Esteja socegado.

LUIS

(Admiradíssimo) Mas não falo, porquê ?

MÉDICA

Porque se cansa.

LUIS

Mas eu estou bem. Não tenho nada. Há aqui uma grande confusão.

MÉDICA

Pode estar enfraquecido com o choque.

LUIS

Qual choque ? Eu não tive choque nenhum.

MÉDICA

Já viu o seu fato ?

LUIS

Isto é pó. Escova-se.

MÉDICA

Não é bem assim. O senhor teve um acidente. Foi atropelado.

LUIS

Não fui. Fui atirado ao chão.

MÉDICA

É a mesma coisa. Precisa de ser observado para vêr se tem alguma contusão.

LUIS

Não tenho nada. (Levanta-se) Estou bom. Estou optimo. Olhe. Olhe.

(Experimenta movimento de braços e de pernas) Está a vêr ? Estou esplendido. (Leva a mão á cabeça, atraz) Só me doi aqui um bocadinho a cabeça. Devo ter batido quando caí. Mas não tem importancia nenhuma.

MÉDICA

(Apalpa o sitio que Luis indica) Sim... (Vê-lhe as pupilas para se certificar) Isto não é nada... (Transição) Foi um automovel que os atirou ao chão ?

O nome daquela é LUIS

Foi. Parece que sim. Eu não me lembro de nada. Passou-se tudo tão rapidamente... Um dos enfermeiros da ambulancia é que me disse que tinhamos sido derrubados por um automovel.

Não sabe ?... MÉDICA

É parente daquela senhora ?

Não. Não sei. LUIS

Não. Nem a conheço. Devia estar perto dela. Tão perto que fomos os dois apanhados. Como nos viram a ambos no chão, mandaram-me tambem para o hospital. Ela, coitada, é que apanhou a pancada. Vinha desmaiada. (Transição) Bem: E agora, se me dá licença, vou-me embora...

MÉDICA

Tem de esperar pelo Chefe de Serviço. Eu não posso deixá-lo sair.

LUIS

Não pode...?

MÉDICA

Pois não. quê ?

LUIS LUIS

Mas é que já é tarde e faz-me diferença. Se a senhora pudesse dar um geitinho, era um grande favor.

A que horas é que MÉDICA

Está bem. Vou vêr o que posso fazer. Espere um bocadinho. (Sai Médica pelo fundo e, quási a seguir, entra o Enfermeiro)

CENA IV

LUIS E ENFERMEIRO

ENFERMEIRO

Enkã F. da E. desce a l. a E. melha P.

(Na mão esquerda a papeleta. Na mão direita uma caneta. Preparado pa-